

Cinco minutos & A viuvinha







# JOSÉ DE ALENCAR

## Cinco minutos & A viuvinha

TEXTO INTEGRAL

Apresentação de

**Marisa P. Lajolo**

**gerente editorial** Claudia Morales  
**editor** Fabricio Waltrick  
**editores assistentes** Fabiane Zorn e José Muniz Jr.  
**coordenadora de revisão** Ivany Picasso Batista  
**revisão** Beatriz C. Nunes de Sousa e Alessandra Miranda de Sá

**arte**

**imagem da capa** objeto *itálico*, 2010, obra de Alessandra Vaghi  
**projeto gráfico** Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez  
**editor** Vinicius Rossignol Felipe  
**diagramadora** Thatiana Kalas  
**editoração eletrônica** Carla Castilho | Estúdio

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS - RJ

A353c  
30.ed.

Alencar, José de, 1829-1877  
Cinco minutos ; A viuvinha / José de Alencar. - 30.ed. -  
São Paulo : Ática, 2011.  
136p. - (Bom Livro)

Inclui apêndice e bibliografia  
Contém suplemento de leitura  
ISBN 978-85-08-14564-5

1. Romance brasileiro. I. Título. II. Título: A viuvinha. III. Série.

11-0981.

CDD 869.93  
CDU: 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 14564-5 (aluno)  
ISBN 978 85 08 13198-3 (professor)  
Código da obra CL 737816  
CAE: 262974

2017  
30ª edição  
7ª impressão  
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A. | 2005  
Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros  
CEP 05425-902 – São Paulo – SP  
www.aticascipione.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061  
atendimento@aticascipione.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# Sumário

O Alencar dos primeiros tempos 7

## **Cinco minutos 9**

I 13

II 16

III 21

IV 24

V 28

VI 30

VII 33

VIII 37

IX 42

X 47

## **A viuvinha 53**

I 57

II 59

III 61

IV 65

V 67

VI 69

VII 72

VIII 75

IX 77

X 79

XI 81

XII 84  
XIII 87  
XIV 92  
XV 96  
XVI 101

Vida & obra 107  
Resumo biográfico 129  
Obras do autor 131  
Obra da capa 135

## O ALENCAR DOS PRIMEIROS TEMPOS

Marisa P. Lajolo

Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP), pós-doutora pela Brown University, professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professora titular da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Os romances que este volume engloba têm muito em comum: os dois foram escritos por José de Alencar no começo da carreira, ambos são extremamente curtos, contam uma história de amor e têm por cenário a cidade do Rio de Janeiro em meados do século XIX. Mais ainda: são contados ao leitor através de um artifício muito simples: o narrador finge que se dirige a uma prima, a quem conta as duas histórias: a de seu casamento com Carlota (*Cinco minutos*) e a de uma amiga de sua esposa (*A viuvinha*).

Esse artifício rende juro, pois o leitor lê o romance não como quem lê um livro escrito para ser um romance, mas como quem surpreende uma conversa que não lhe é dirigida. Várias vezes o narrador da história enfatiza o caráter verídico dos fatos que conta: “É uma história curiosa a que lhe vou contar, minha prima. Mas é uma história e não um romance”. “Mas eu não escrevo um romance, conto-lhe uma história.”

Além de o narrador afirmar que as histórias aconteceram de verdade, encontramos nessas duas obras outros processos pelos quais ele as subtrai à categoria de ficção: citações precisas de locais e horários, menção a obras públicas — como a construção da Santa Casa e a destruição do morro do Castelo — e alusão a fatos característicos da vida carioca da época, como a frequência à ópera e os hábitos comerciais da praça do Rio. Enfim, Alencar fornece a seus leitores um forte lastro de realidade que, por assim dizer, embrulha tudo o que no seu romance há de fantástico, imaginoso e romântico.

Por tabela, para o leitor ingênuo, ganham foros de verdade os amores súbitos e eternos, os gestos irrefletidos, as decisões passionais, as curas impossíveis e tudo o mais que faz o leitor moderno (e mais exigente) sorrir-se de Alencar. Hoje em dia, tais romantiquices provocam sorrisos de incredulidade e relegam o Alencar destes livros para estantes empoeiradas

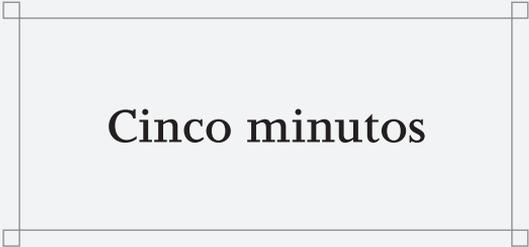
pelo desuso. Contudo, tais elementos também fornecem a esses textos sua identidade romântica, isto é, a capacidade de satisfazer os leitores brasileiros de meados do século passado.

Quem eram esses leitores? Na sua maioria mulheres. Mulheres da classe burguesa, para quem a leitura de folhetins era o meio de passar o tempo, dividido entre ordens aos escravos e trabalhos de agulha; estes últimos, muitas vezes, tinham como fundo sonoro a leitura de romances do tipo *Cinco minutos* e *A viuvinha*, cuja existência e popularidade nos é atestada pelo próprio Alencar. Em certa altura de sua obra, ele conta que sua carreira de romancista deve muito ao fato de ter sido encarregado pelas tias, primas e irmãs da leitura em voz alta dos folhetins (capítulos semanais de romances), avidamente escutados e fartamente lacrimejados pela assembleia feminina reunida em torno de costuras e bordados.

Daí, talvez, a importância daquela misteriosa inicial D, que esconde do leitor a identidade da prima a quem o narrador conta ambas as histórias. Por ser um personagem incógnito, pode facilmente confundir-se com qualquer leitora. Essa prima, que tem o privilégio de conhecer um personagem de romance, identifica-se facilmente com a leitora, a quem o livro empresta, por momentos, a vida aventureira e romanesca de Carlota e Carolina. As leitoras deste tipo de romance não pediam mais que isso, como mais não pedem os atuais consumidores de fotonovelas. *Cinco minutos* e *A viuvinha* não documentam senão o lado direito e luminoso da vida burguesa. Seus personagens, no fundo, representam o ideal acabado dessa vida, tropicalmente reproduzida na Corte brasileira.

Em *Cinco minutos*, o narrador-personagem está disponível, da primeira à última página, para satisfazer todos os caprichos de sua imaginação. Sem compromisso profissional algum, o aspecto financeiro de suas peregrinações atrás de Carlota não chega jamais a preocupá-lo. Já em *A viuvinha*, a trajetória percorrida pelo personagem masculino principal é um pouco diferente, mas reflete a mesma ideologia burguesa de desprezo pelo trabalho. Percebe-se nas entrelinhas que o dinheiro é essencial à felicidade, mas o trabalho honesto para consegui-lo é um castigo. Resta aos leitores a impressão final de que uma existência digna de um grande amor é indigna de vis preocupações materiais, como o trabalho do dia a dia.

E é dessa realidade diária, mesquinha e burguesa, que o leitor de tais obras se sente libertado ao, ilusoriamente, identificar-se com as carolinas e carlotas literárias, precursoras, a seu tempo, das heroínas alienantes e alienadas das tele e fotonovelas.



**Cinco minutos**



A D...



É uma história curiosa a que lhe vou contar, minha prima.

Mas é uma história e não um romance.

Há mais de dois anos, seriam seis horas da tarde, dirigi-me ao Rocio para tomar o ônibus de Andaraí.

Sabe que sou o homem menos pontual que há neste mundo; entre os meus imensos defeitos e as minhas poucas qualidades, não conto a *pontualidade*, essa virtude dos reis e esse mau costume dos ingleses.

Entusiasta da liberdade, não posso admitir de modo algum que um homem se escravize ao seu relógio e regule as suas ações pelo movimento de uma pequena agulha de aço ou pelas oscilações de uma pêndula.

Tudo isto quer dizer que, chegando ao Rocio, não vi mais ônibus algum; o empregado a quem me dirigi respondeu:

— Partiu há cinco minutos.

Resignei-me e esperei pelo ônibus de sete horas. Anoiteceu.

Fazia uma noite de inverno fresca e úmida; o céu estava calmo, mas sem estrelas.

À hora marcada chegou o ônibus e apressei-me a ir tomar o meu lugar.

Procurei, como costume, o fundo do carro, a fim de ficar livre das conversas monótonas dos recebedores, que de ordinário têm sempre uma anedota insípida a contar ou uma queixa a fazer sobre o mau estado dos caminhos.

O canto já estava ocupado por um monte de sedas, que deixou escapar-se um ligeiro farfalhar, conchegando-se para dar-me lugar.

Sentei-me; prefiro sempre o contato da seda à vizinhança da casimira ou do pano.

O meu primeiro cuidado foi ver se conseguia descobrir o rosto e as formas que se escondiam nessas nuvens de seda e de rendas.

Era impossível.

Além de a noite estar escura, um maldito véu que caía de um chapeuzinho de palha não me deixava a menor esperança.

Resignei-me e assentei que o melhor era cuidar de outra coisa.

Já o meu pensamento tinha-se lançado a galope pelo mundo da fantasia, quando de repente fui obrigado a voltar por uma circunstância bem simples.

Senti no meu braço o contato suave de um outro braço, que me parecia macio e aveludado como uma folha de rosa.

Quis recuar, mas não tive ânimo; deixei-me ficar na mesma posição e cismeiquei que estava sentado perto de uma mulher que me amava e que se apoiava sobre mim.

Pouco a pouco fui cedendo àquela atração irresistível e reclinando-me insensivelmente; a pressão tornou-se mais forte; senti o seu ombro tocar de leve o meu peito; e a minha mão impaciente encontrou uma mãozinha delicada e mimosa, que se deixou apertar a medo.

Assim, fascinado ao mesmo tempo pela minha ilusão e por este contato voluptuoso, esqueci-me, a ponto que, sem saber o que fazia, inclinei a cabeça e coleiquei os meus lábios ardentes nesse ombro, que estremecia de emoção.

Ela soltou um grito, que foi tomado naturalmente como susto causado pelos solavancos do ônibus, e refugiou-se no canto.

Meio arrependido do que tinha feito, voltei-me como para olhar pela portinhola do carro, e, aproximando-me dela, disse-lhe quase ao ouvido:

— Perdão!

Não respondeu; conchegou-se ainda mais ao canto.

Tomeiquei uma resolução heroica.

— Vou descer, não a incomodarei mais.

Ditas estas palavras rapidamente, de modo que só ela ouvisse, inclinei-me para mandar parar.

Mas senti outra vez a sua mãozinha, que apertava docemente a minha, como para impedir-me de sair.

Está entendido que não resisti e que me deixei ficar; ela conservava-se sempre longe de mim, mas tinha-me abandonado a mão, que eu beijava respeitosaente.

De repente veio-me uma ideia. Se fosse feia! se fosse velha! se fosse uma e outra coisa!

Fiqueiquei frio e comeceiquei a refletir.

Esta mulher, que sem me conhecer me permitia o que só se permite ao homem que se ama, não podia deixar com efeito de ser feia e muito feia.

Não lhe sendo fácil achar um namorado de dia, ao menos agarrava-se a este, que de noite e às cegas lhe proporcionara o acaso.